Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro, v.12, 2024
ISSN 2178-6925

O IMPACTO DA PANDEMIA NO ENSINO-APRENDIZAGEM DOS ALUNOS DA REDE BÁSICA DE ENSINO: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

THE IMPACT OF THE PANDEMIC ON THE TEACHING-LEARNING OF STUDENTS IN THE BASIC EDUCATION NETWORK: A BIBLIOGRAPHICAL REVIEW

Geovany Braga Soares
Licenciado em Química pelo Instituto Federal do Tocantins (IFTO), Gestor Ambiental pela Universidade Norte do Paraná (Unopar), Especialista em MBA em Gestão de Projetos pelo Instituto Carreira, Especialista em Química Ambiental e Saneamento Ambiental pela Faculdade Serra Geral, Mestrando em Ciências do Ambiente pela Universidade Federal do Tocantins (UFT), Brasil.
E-mail: soaresg.braga@gmail.com

Lucilma Santana Ferreira da Silva
Graduada em Pedagogia pela EDUCONT, Especialista em Educação Infantil e Séries Iniciais e Neuropsicopedagogia pela FESAMAR, Brasil.
E-mail: rodrigueslucilma@gmail.com

Maria da Luz Fonseca de Almeida
Licenciada em Geografia pela Universidade Federal do Tocantins (UFT), Brasil.
E-mail: mariadaluz_fonseca@yahoo.com

Jefferson da Silva Marques
Bacharel em Educação Física e Licenciado em Educação Física pela CEULP/ULBRA – TO, Brasil.
E-mail: jeffersondancarino@hotmail.com

Victória Santana do Nascimento
Bacharel em Engenharia Ambiental pela Universidade Federal do Tocantins (UFT), Mestra em Ciências Florestais pela Universidade Federal do Tocantins (UFT), Brasil.
E-mail: victorianascimento1998@gmail.com

RESUMO

O artigo analisa os impactos da pandemia de COVID-19 no processo de ensino-aprendizagem dos alunos da rede básica de ensino no Brasil, destacando como a transição abrupta para o ensino remoto acentuou desigualdades sociais e educacionais existentes. A suspensão das aulas presenciais deixou estudantes, especialmente aqueles de famílias de baixa renda, em situações críticas, sem acesso adequado a tecnologias e recursos educacionais, resultando em lacunas de aprendizado significativas. Os desafios enfrentados durante o ensino remoto, como a falta de preparação dos educadores e a dificuldade em manter o engajamento dos alunos, foram destacados. Além disso, o artigo aborda os impactos negativos no desenvolvimento social e emocional dos estudantes, evidenciando o aumento de problemas como ansiedade e depressão. Para a recuperação educacional, são propostas estratégias de ensino híbrido e intervenções

pedagógicas que priorizem a equidade no acesso à educação. O texto ressalta a importância da formação contínua dos professores, essencial para a adaptação às novas demandas educacionais e à promoção de um ambiente de aprendizado inclusivo. O artigo defende a necessidade de um esforço conjunto entre educadores, gestores e formuladores de políticas públicas para construir um sistema educacional mais resiliente e capaz de atender às diversas necessidades dos alunos no contexto pós-pandemia.

Palavras-chave: Pandemia, Ensino-Aprendizagem, Ensino Remoto, Impacto Educacional, Rede Básica de Ensino.

ABSTRACT

The article analyzes the impacts of the COVID-19 pandemic on the teaching-learning process of students in basic education in Brazil, highlighting how the abrupt transition to remote teaching accentuated existing social and educational inequalities. The suspension of in-person classes left students, especially those from low-income families, in critical situations, without adequate access to educational technologies and resources, resulting in significant learning gaps. The challenges faced during remote teaching, such as the lack of preparation of educators and the difficulty in maintaining student engagement, were highlighted. Furthermore, the article addresses the negative impacts on students' social and emotional development, highlighting the increase in problems such as anxiety and depression. For educational recovery, hybrid teaching strategies and pedagogical interventions are proposed that prioritize equity in access to education. The text highlights the importance of continuous teacher training, essential for adapting to new educational demands and promoting an inclusive learning environment. The article defends the need for a joint effort between educators, managers and public policy makers to build a more resilient educational system capable of meeting the diverse needs of students in the post-pandemic context.

Keywords: Pandemic, Teaching-Learning, Remote Learning, Educational Impact, Basic Education Network.

1. Introdução

A pandemia de COVID-19 provocou uma das maiores disrupções educacionais da história, afetando milhões de estudantes ao redor do mundo. De acordo com a UNESCO (2021), mais de 1,6 bilhão de estudantes foram impactados pela suspensão das aulas presenciais em 190 países. No Brasil, o ensino básico foi particularmente afetado pela transição abrupta para o ensino remoto emergencial, expondo e ampliando desigualdades estruturais no acesso à educação (Martins et al., 2023). As escolas, sem tempo hábil para planejar uma transição adequada, enfrentaram desafios relacionados à infraestrutura tecnológica, formação de professores e engajamento dos alunos (Moreira; Coutinho, 2024).

A desigualdade digital, especialmente em comunidades de baixa renda e áreas rurais, intensificou as lacunas de aprendizagem, conforme apontam estudos recentes (Araújo Neto, 2022). Além disso, a falta de preparo para o ensino remoto,

tanto por parte dos educadores quanto dos alunos, agravou a qualidade do ensino, gerando uma crise no processo de ensino-aprendizagem (Da Silva et al, 2021).

Outro impacto significativo da pandemia foi o aumento das disparidades regionais e sociais, que já eram profundas no contexto educacional brasileiro. Estudantes de áreas urbanas com maior poder aquisitivo tiveram acesso mais fácil a tecnologias e plataformas digitais, enquanto alunos de regiões rurais ou famílias em situação de vulnerabilidade social enfrentaram grandes dificuldades de acesso a uma educação de qualidade (Almeida; Gomes, 2022). Como resultado, a lacuna de aprendizagem entre os diferentes grupos socioeconômicos se ampliou, criando desafios adicionais para a recuperação do ensino e para a promoção de uma educação inclusiva e equitativa no cenário pós-pandemia.

Além dos desafios estruturais, o impacto emocional e social da pandemia nas crianças e adolescentes também merece destaque. O isolamento social e a ausência do convívio diário nas escolas afetaram o desenvolvimento socioemocional dos alunos, gerando quadros de ansiedade, estresse e desmotivação, conforme relatado por De Lima et al. (2023).

As mudanças bruscas na rotina e a incerteza quanto ao futuro escolar levaram ao aumento de problemas emocionais, que podem ter consequências duradouras sobre o desempenho acadêmico e a saúde mental desses estudantes. Diante disso, cresce a necessidade de implementar políticas de apoio psicossocial nas escolas, de forma a auxiliar na recuperação emocional dos alunos e a promover um ambiente de aprendizagem saudável e acolhedor.

Este artigo tem como objetivo discutir os principais impactos da pandemia de COVID-19 no ensino-aprendizagem dos alunos da rede básica de ensino no Brasil. A revisão bibliográfica baseia-se em estudos recentes que exploram como a pandemia afetou o desempenho acadêmico e o desenvolvimento social e emocional dos estudantes, além de propor estratégias para mitigar esses impactos. A pesquisa pretende contribuir para o entendimento das implicações da pandemia no sistema educacional e fornecer subsídios para futuras políticas públicas e intervenções pedagógicas.

1.1 Objetivos Gerais

Analisar os impactos da pandemia de COVID-19 no processo de ensino-aprendizagem dos alunos da rede básica de ensino no Brasil, abordando as desigualdades socioeconômicas acentuadas, os desafios enfrentados no ensino remoto emergencial e as consequências no desenvolvimento social e emocional dos estudantes, além de propor estratégias para a recuperação educacional e a promoção de uma educação mais equitativa e inclusiva.

2. Desigualdades Acentuadas pela Pandemia

A pandemia de COVID-19 não apenas interrompeu o ensino presencial, mas também intensificou desigualdades históricas já presentes no sistema educacional brasileiro. A transição para o ensino remoto, que deveria garantir a continuidade do aprendizado, revelou-se desafiadora para grande parte dos alunos da rede básica, especialmente aqueles oriundos de famílias de baixa renda, que enfrentaram dificuldades consideráveis para acessar plataformas digitais de ensino. Como destacam Santos et al (2022), a pandemia evidenciou a precariedade das políticas educacionais e a falta de investimento em tecnologias educacionais, principalmente nas regiões mais vulneráveis do país.

Essas desigualdades, que já eram observadas antes da pandemia, foram exacerbadas pela falta de acesso à internet de qualidade e à ausência de dispositivos eletrônicos adequados, como computadores ou tablets, necessários para o acompanhamento das atividades remotas. De acordo com o levantamento realizado por Almeida e Gomes (2022), cerca de 30% dos estudantes da rede pública não possuem acesso à internet em casa, enquanto muitos dos que têm acesso enfrentam limitações relacionadas à velocidade e estabilidade da conexão. Esse cenário cria um abismo entre os estudantes de diferentes contextos socioeconômicos, impactando diretamente a equidade no acesso ao conhecimento e às oportunidades educacionais.

A exclusão digital também afetou a qualidade do ensino e do aprendizado. A falta de infraestrutura adequada por parte das escolas e das famílias não permitiu que o ensino remoto fosse implementado de forma eficiente para todos os alunos.

As crianças e adolescentes de famílias em situação de vulnerabilidade social, além de enfrentar dificuldades tecnológicas, muitas vezes convivem com condições de vida precárias, como falta de um ambiente adequado para estudar, ausência de acompanhamento pedagógico em casa e, em muitos casos, insegurança alimentar. Esses fatores contribuíram para o agravamento da defasagem escolar, conforme apontado por Magalhães (2021), que destacam o impacto negativo dessas condições no rendimento acadêmico e na motivação dos alunos.

Além dos desafios tecnológicos, outro fator importante foi a falta de preparo por parte dos professores para atuar em um ambiente de ensino virtual. Muitos educadores não possuíam a formação necessária para utilizar as ferramentas digitais de forma eficiente, o que impactou diretamente a qualidade das aulas e das interações com os alunos. Estudos como o de Gatti (2021) indicam que a capacitação de professores para o ensino remoto foi limitada e muitas vezes improvisada, agravando a sensação de frustração e sobrecarga tanto para os educadores quanto para os estudantes. A falta de suporte técnico e pedagógico resultou em aulas menos dinâmicas e em uma redução da participação ativa dos alunos, prejudicando ainda mais o processo de ensino-aprendizagem.

Outro aspecto que acentua as desigualdades educacionais é o fato de que muitos alunos da rede básica, especialmente aqueles de comunidades rurais e regiões periféricas, dependem da escola não apenas como espaço de aprendizado, mas também como local de socialização e de acesso a serviços essenciais, como alimentação. Segundo dados do Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), durante a pandemia, muitos estudantes deixaram de ter acesso à merenda escolar, o que agravou problemas de insegurança alimentar entre famílias de baixa renda (Do Amaral; Marano, 2021). Com o fechamento das escolas, essas crianças ficaram ainda mais vulneráveis, afetando seu bem-estar físico e mental e, consequentemente, sua capacidade de se engajar no ensino remoto.

Essa realidade reflete um problema sistêmico no Brasil, onde as desigualdades sociais e econômicas permeiam o sistema educacional e criam obstáculos adicionais para a formação dos estudantes mais vulneráveis. Como argumentam Barreto e Nogueira (2022), o Brasil carece de políticas públicas consistentes que visem a redução das desigualdades educacionais, com a oferta

de recursos adequados para que todos os estudantes tenham acesso equitativo à educação. A pandemia expôs a necessidade urgente de um maior investimento em tecnologias digitais e em programas de inclusão social que atendam às necessidades dos alunos que estão à margem do sistema educacional.

Portanto, a pandemia de COVID-19 não apenas expôs, mas também acentuou as desigualdades no sistema educacional brasileiro, revelando falhas estruturais que precisam ser urgentemente corrigidas. A lacuna de aprendizagem entre os estudantes de diferentes classes sociais foi significativamente ampliada, e, sem intervenções efetivas, como políticas públicas voltadas para a inclusão digital e a assistência social, essas desigualdades tendem a se perpetuar. Como conclusão, é essencial que o Brasil aprenda com os desafios impostos pela pandemia e invista em um sistema educacional mais equitativo, que ofereça oportunidades de qualidade para todos, independentemente de seu contexto socioeconômico.

2.1 Ensino Remoto e seus Desafios

O ensino remoto emergencial, implementado durante a pandemia de COVID-19, trouxe inúmeros desafios para o sistema educacional brasileiro, especialmente na rede básica de ensino. Embora tenha sido a única alternativa viável para garantir a continuidade do processo educativo em meio às medidas de isolamento social, a transição abrupta expôs a falta de preparo de muitos professores, a carência de infraestrutura adequada e as desigualdades de acesso à tecnologia. Como apontam De Godoi Santos e De Oliveira, (2021), a maioria dos professores não estava familiarizada com as ferramentas digitais necessárias para ministrar aulas de forma eficaz, o que comprometeu a qualidade do ensino remoto.

Um dos principais desafios enfrentados no ensino remoto foi a adaptação dos professores a novas tecnologias e metodologias. A educação à distância exige habilidades específicas, tanto tecnológicas quanto pedagógicas, que muitos docentes da rede básica não possuíam antes da pandemia. Conforme ressaltam Gatti (2021), muitos professores se sentiram sobrecarregados ao terem que aprender a utilizar plataformas digitais, criar conteúdo interativos e manter o engajamento dos alunos à distância. A ausência de formações e treinamentos

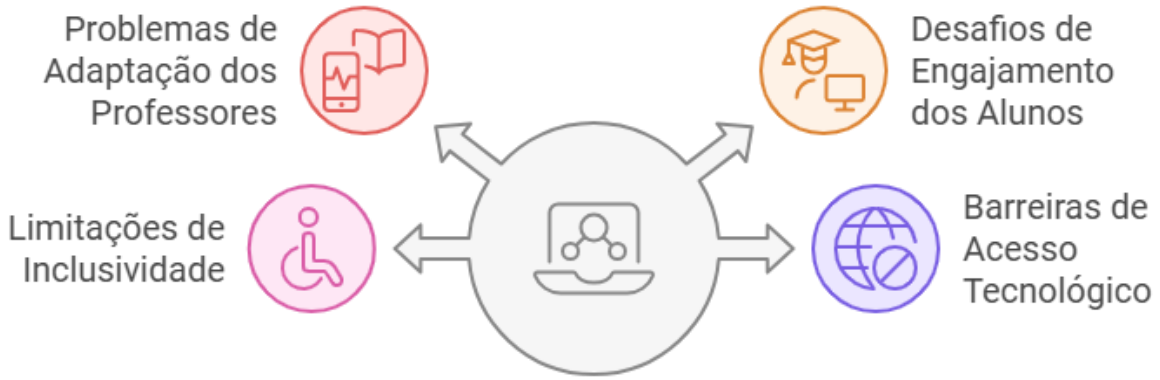
prévios para essa modalidade emergencial agravou ainda mais a situação, gerando frustração tanto para os educadores quanto para os estudantes.

Outro aspecto importante foi a dificuldade em manter a motivação e o engajamento dos alunos no ensino remoto. Em um ambiente de aprendizagem virtual, onde a interação direta entre professor e aluno é limitada, muitos estudantes relataram dificuldades em acompanhar as aulas, participar ativamente e realizar as tarefas propostas. Estudos como o de Ribeiro e Lopes (2021) destacam que o distanciamento social e a falta de interação presencial afetaram a concentração e o comprometimento dos alunos, especialmente aqueles em situações mais vulneráveis, que enfrentaram dificuldades tecnológicas e familiares, como falta de apoio em casa e sobrecarga de responsabilidades domésticas.

Além disso, o ensino remoto mostrou-se incapaz de atender plenamente às necessidades de alunos com deficiências ou necessidades especiais. Muitas das adaptações pedagógicas realizadas para o ensino presencial não puderam ser replicadas no ambiente virtual, o que deixou um contingente significativo de alunos sem o suporte necessário. Segundo Barreto (2022), a ausência de ferramentas inclusivas e a falta de preparo dos professores para lidar com as especificidades desses alunos no ambiente remoto agravaram as desigualdades educacionais. Isso evidencia a limitação do ensino remoto para atender à diversidade de perfis de estudantes, especialmente em um país com tantas diferenças regionais e socioeconômicas.

A falta de acesso adequado à tecnologia também foi um grande entrave para o sucesso do ensino remoto. Dados do IBGE (2021) indicam que cerca de 4,8 milhões de estudantes da rede pública não possuíam acesso regular à internet em casa, o que comprometeu significativamente sua participação nas atividades escolares. Almeida e Gomes (2022) reforçam que, além do acesso precário à internet, muitos alunos precisaram compartilhar dispositivos eletrônicos com outros membros da família ou tinham apenas o celular como recurso, o que limitou ainda mais sua capacidade de participar de forma efetiva no processo de ensino-aprendizagem.

Figura 01 - Desafios da Educação Remota no Brasil.



Fonte: Autores (2024).

Portanto, o ensino remoto, apesar de ter sido uma solução necessária em tempos de pandemia, revelou-se insuficiente para atender às demandas da educação básica de maneira equitativa e eficaz. A falta de preparo técnico e pedagógico dos professores, o desinteresse e a dificuldade de engajamento dos alunos, além da exclusão digital, mostraram-se barreiras significativas que comprometeram o processo de ensino-aprendizagem durante a pandemia. Como concluem Barreto (2022), o modelo de ensino remoto emergencial expôs a vulnerabilidade estrutural do sistema educacional brasileiro, ressaltando a necessidade de investimentos em formação continuada de professores e em políticas públicas que promovam o acesso equitativo às tecnologias digitais para todos os alunos.

2.2 Impactos no Desenvolvimento Social e Emocional

A pandemia de COVID-19 não trouxe apenas desafios acadêmicos, mas também afetou profundamente o desenvolvimento social e emocional dos alunos da rede básica de ensino. A interrupção das aulas presenciais e a imposição do isolamento social resultaram em uma perda significativa do convívio escolar, essencial para o desenvolvimento das habilidades sociais das crianças e adolescentes. De acordo com Monteiro et al, (2022), o ambiente escolar é um espaço fundamental para a construção de relações interpessoais, sendo crucial

para o desenvolvimento emocional e social dos estudantes, especialmente na infância e adolescência.

A falta desse convívio gerou um impacto direto na saúde mental dos alunos, que passaram a enfrentar níveis elevados de estresse, ansiedade e depressão. Como afirmam Greco (2021), a ausência de rotinas escolares, aliada ao clima de incerteza causado pela pandemia, levou ao aumento de problemas emocionais entre os estudantes, com muitos deles sentindo-se isolados e desmotivados. Esses sentimentos foram agravados pela dificuldade em manter uma comunicação constante com colegas e professores, resultando em um aumento dos casos de abandono escolar e desinteresse pelas atividades acadêmicas.

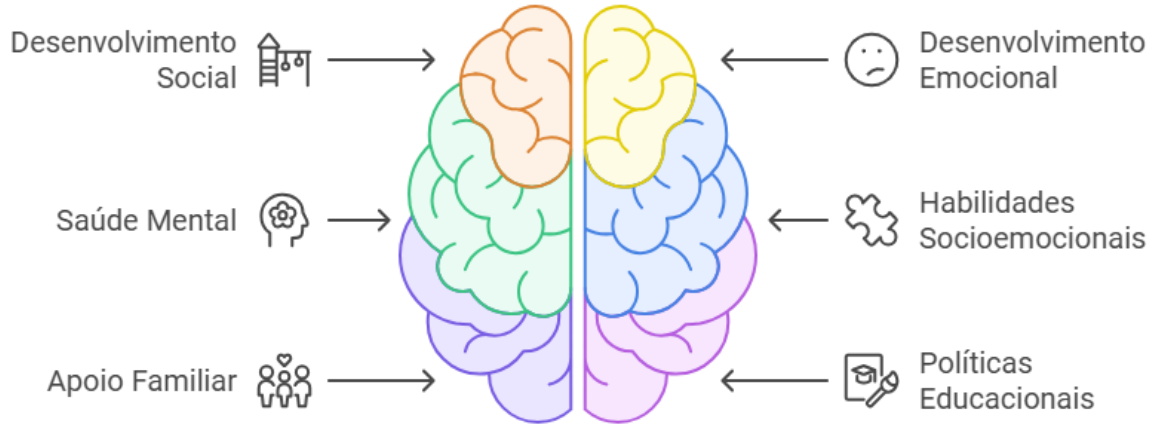
Estudos recentes apontam que a pandemia também exacerbou desigualdades no que tange ao apoio psicológico disponível para os alunos. Enquanto estudantes de escolas privadas, em muitos casos, tiveram acesso a suporte psicossocial por meio de programas oferecidos pelas próprias instituições, os alunos da rede pública enfrentaram uma escassez de recursos nesse sentido. De acordo com Mathias (2022), a maioria das escolas públicas não dispunha de serviços de acompanhamento psicológico antes da pandemia, e essa lacuna tornou-se ainda mais evidente durante o ensino remoto. Isso criou um cenário no qual os estudantes mais vulneráveis, que já enfrentavam dificuldades socioeconômicas, foram deixados à margem das iniciativas de apoio emocional.

A desconexão entre os alunos e o ambiente escolar também impactou o desenvolvimento de competências socioemocionais. O convívio com pares e a interação com professores não são apenas uma parte importante da formação acadêmica, mas também desempenham um papel crucial na construção de habilidades como empatia, autocontrole e resolução de conflitos. Sem essa interação, os alunos perderam oportunidades essenciais para praticar e desenvolver essas habilidades. Segundo Ribeiro e Silva (2021), a ausência de um ambiente escolar estruturado durante a pandemia pode ter efeitos duradouros na capacidade dos estudantes de se relacionarem de forma saudável e de lidarem com desafios emocionais futuros.

Além disso, o ambiente familiar, em muitos casos, não foi suficiente para suprir a falta do espaço escolar em termos de suporte emocional. As famílias,

também afetadas pela crise sanitária e econômica, enfrentaram situações de estresse adicional, como perda de empregos e insegurança alimentar, o que muitas vezes dificultou a criação de um ambiente favorável ao desenvolvimento emocional dos estudantes. Bezerra et al, (2021) apontam que, sem o apoio psicossocial adequado, muitos alunos enfrentaram uma sobrecarga emocional, o que comprometeu seu bem-estar e sua capacidade de se concentrar no aprendizado.

Figura 02 – Impacto da COVID-19 no Desenvolvimento dos Alunos.



Fonte: Autores (2024).

Portanto, os impactos no desenvolvimento social e emocional dos alunos durante a pandemia são vastos e multifacetados. Para além das perdas acadêmicas, a crise sanitária ressaltou a importância de um suporte emocional robusto e de políticas educacionais que incluam o bem-estar psicológico como parte integral do desenvolvimento educacional. Conforme concluem Groff et al, (2022), a recuperação no pós-pandemia exige não apenas a superação das lacunas de aprendizado, mas também a implementação de políticas de apoio psicossocial nas escolas, com foco no fortalecimento das competências socioemocionais e no acompanhamento contínuo da saúde mental dos estudantes.

2.3 Perspectivas Para a Recuperação Educacional

Com o retorno gradual das aulas presenciais, surgem novos desafios e oportunidades para a recuperação educacional. A pandemia de COVID-19 deixou um legado de lacunas de aprendizado e desigualdades ainda mais acentuadas, o que exige ações coordenadas para garantir que todos os alunos, especialmente os mais vulneráveis, tenham a chance de retomar o ritmo educacional. Segundo Dos Reis (2022), a recuperação educacional pós-pandemia deve se concentrar não apenas na recuperação dos conteúdos perdidos, mas também em estratégias que abordem o desenvolvimento integral dos estudantes, com foco no bem-estar emocional e nas competências socioemocionais.

Um dos caminhos apontados por especialistas é a adoção de um ensino híbrido, que combine o presencial com o uso estratégico de tecnologias digitais. Essa abordagem pode não apenas mitigar as perdas educacionais, mas também promover uma personalização do ensino, atendendo às necessidades individuais dos alunos. Estudos de Kunzler (2023) sugerem que o ensino híbrido tem o potencial de promover uma aprendizagem mais flexível, respeitando o ritmo de cada estudante e facilitando a retomada dos conteúdos que não foram plenamente assimilados durante o ensino remoto emergencial.

Além disso, é crucial que sejam implementadas intervenções pedagógicas focadas em identificar e preencher as lacunas de aprendizagem. Programas de reforço escolar, recuperação paralela e tutoria personalizada são estratégias que podem ajudar a garantir que os alunos recuperem o conteúdo perdido. Pesquisas indicam que o uso de diagnósticos contínuos, com avaliações regulares do nível de aprendizado dos estudantes, pode auxiliar os professores a ajustarem suas práticas pedagógicas. De acordo com Santos e Lima (2022), avaliações formativas e intervenções direcionadas são essenciais para garantir que os alunos que ficaram para trás durante a pandemia tenham apoio adequado.

No entanto, a recuperação educacional não pode ser tratada de forma homogênea, uma vez que as desigualdades regionais e socioeconômicas se acentuaram durante a pandemia. Alunos de áreas rurais ou em situação de vulnerabilidade enfrentaram mais dificuldades de acesso ao ensino remoto e, portanto, precisam de um suporte diferenciado. Da Silva e Maciel (2022) defendem que políticas públicas direcionadas, que levem em conta as especificidades locais e

as necessidades das populações mais marginalizadas, são fundamentais para promover uma recuperação equitativa. Sem um olhar atento às particularidades regionais, há o risco de perpetuar e até ampliar as desigualdades no sistema educacional.

Outro aspecto fundamental para a recuperação educacional é o investimento na formação continuada dos professores. Durante a pandemia, muitos docentes enfrentaram dificuldades para lidar com as tecnologias educacionais e adaptar suas práticas pedagógicas para o ensino remoto. A pós-pandemia apresenta uma oportunidade para o fortalecimento das competências digitais e pedagógicas dos professores, de modo que possam utilizar as ferramentas tecnológicas de forma mais eficaz, tanto no ensino presencial quanto no híbrido. Gomes (2021) destacam que a capacitação dos professores é um dos principais fatores para o sucesso das iniciativas de recuperação, pois são eles os responsáveis por implementar estratégias pedagógicas inovadoras e inclusivas.

Figura 03 - Perspectivas para a Recuperação Educacional Pós-Pandemia.



Fonte: Autores (2024).

Portanto, as perspectivas para a recuperação educacional no cenário pós-pandemia envolvem múltiplas dimensões, desde o reforço das aprendizagens perdidas até o cuidado com o bem-estar emocional dos estudantes e a equidade no acesso à educação. Para Aguiar (2021), a superação dos desafios impostos pela pandemia depende de um esforço conjunto entre gestores públicos, educadores, famílias e sociedade civil. A criação de políticas públicas inclusivas, o uso estratégico de tecnologias digitais e o investimento na formação docente são passos fundamentais para a construção de um sistema educacional mais resiliente e capaz de responder às adversidades futuras.

3. Considerações Finais

O impacto da pandemia de COVID-19 no ensino-aprendizagem dos alunos da rede básica de ensino revelou-se profundo e multifacetado, acentuando desigualdades existentes e criando desafios que demandam atenção imediata. Este estudo destaca que a transição abrupta para o ensino remoto, embora tenha sido uma resposta necessária em um momento de crise, expôs as fragilidades do sistema educacional brasileiro. Para garantir a recuperação e o desenvolvimento integral dos alunos, é imperativo que haja um esforço coletivo de educadores, gestores e formuladores de políticas públicas.

A análise das desigualdades acentuadas pela pandemia enfatiza a urgência de um olhar mais atento às necessidades dos alunos mais vulneráveis. A falta de acesso a tecnologias e recursos educacionais durante o ensino remoto resultou em lacunas de aprendizado significativas, o que pode comprometer o futuro acadêmico e profissional desses estudantes. Como afirmam Guedes et al, (2022), as políticas educacionais devem priorizar a equidade no acesso à educação, garantindo que todos os alunos tenham as ferramentas necessárias para se desenvolver plenamente, independentemente de suas condições socioeconômicas.

Além disso, a recuperação educacional requer uma abordagem abrangente que não se limite ao ensino de conteúdos acadêmicos. O foco deve incluir também o bem-estar emocional e social dos alunos, considerando o impacto que a pandemia teve na saúde mental dos estudantes. Segundo Costa e Almeida (2021), é fundamental que as escolas implementem programas de apoio psicossocial e desenvolvam competências socioemocionais que preparem os alunos para os desafios futuros. Esse enfoque holístico é crucial para restabelecer um ambiente de aprendizado saudável e produtivo.

Por fim, é necessário que haja um compromisso institucional com a formação contínua dos professores. O fortalecimento das competências pedagógicas e tecnológicas dos educadores é essencial para a eficácia das práticas de ensino, especialmente em um contexto que requer inovação e adaptação constantes. Como observado por Barreto e Nogueira, (2022), a capacitação profissional deve ser vista como uma prioridade nas políticas educacionais, uma vez que os professores desempenham um papel crucial na

construção de um sistema educacional mais resiliente e inclusivo. A partir dessa perspectiva, a construção de um futuro educacional mais equitativo e de qualidade dependerá do engajamento coletivo e da implementação de estratégias que atendam às demandas emergentes da educação no Brasil.

Referências

AGUIAR, Marcelo et al. **Educação Pós-Covid-19: novos desafios para o Brasil**. Geração Editorial, 2021.

ALMEIDA, J., & GOMES, M. (2022). O Impacto da Desigualdade Digital no Ensino Remoto Durante a Pandemia. ***Revista Brasileira de Educação***, 27(3), 101-115.

ARAUJO NETO, Antonio Almir. **Análise do uso de plataformas de informação e comunicação para ensino remoto em cursos de graduação das universidades públicas do ceará durante a pandemia de coronavírus.** 2022.

BARRETO, E., & NOGUEIRA, L. (2022). **A Educação no Brasil e as Desigualdades Exacerbadas pela Pandemia:** Desafios e Perspectivas. *Educação & Sociedade*, 43(154), 245-260.

BARRETO, Lara Lyss de Almeida. **Formação em tecnologia digital e assistiva para professores de educação especial durante a pandemia**. 2022. 117 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2022.

BEZERRA, Cintia; MOURA, Kilvia Pereira; DUTRA, Elza. Plantão psicológico on-line a estudantes universitários durante a pandemia da COVID-19. **Revista Nufen: Phenomenology and Interdisciplinarity**, v. 13, n. 2, 2021.

COSTA, L., & ALMEIDA, M. (2021). Políticas de Apoio Psicossocial nas Escolas: Importância para o Bem-Estar dos Estudantes. ***Revista Brasileira de Educação e Saúde***, 29(1), 88-105.

DA SILVA, Francisco Alan Cristhian Viana et al. ENSINO REMOTO NO BRASIL: DESAFIOS DO APRENDIZADO EM SAÚDE DURANTE A PANDEMIA. **Encontro de Extensão, Docência e Iniciação Científica (EEDIC)**, v. 8, 2021.

DA SILVA, Janaína Giovana; MACIEL, Cilene Maria Lima Antunes. A EDUCAÇÃO VIRTUAL EM TEMPOS DE PANDEMIA: REFLEXÕES DOS ATUAIS CONTRATEMPOS. **Revista Prática Docente**, v. 7, n. Especial, p. e22101-e22101, 2022.

DE GODOI SANTOS, Marcia Eliza; DE OLIVEIRA, Adriana Leônidas. Educação em tempos de pandemia: projeto de vida de jovens do ensino médio. **Revista de Estudos em Educação e Diversidade-REED**, v. 2, n. 4, p. 1-19, 2021.

DE LIMA, Lucianna Ribeiro et al. **Práticas Críticas em Psicologia Escolar e Educacional: experiências vividas no chão da escola e suas complexidades**. Pimenta Cultural, 2023.

DO AMARAL, Yasmin Notarbartolo di Villarosa; MARANO, Daniele. Principais ações dos estados e do distrito federal para preservar o direito à alimentação escolar durante a pandemia do novo coronavírus. **DEMETRA: Alimentação, Nutrição & Saúde**, v. 16, p. e54764-e54764, 2021.

DOS REIS, Alcenir Soares et al. **MÚLTIPLOS OLHARES SOBRE A EDUCAÇÃO: saberes, desafios e oportunidades–Vol. 1**. Editora BAGAI, 2022.

GATTI, Bernardete A. Formação de Professores no Brasil: políticas e programas. **Paradigma**, v. 42, 2021.

GOMES, Larissa Layane. **Formação continuada de professores em tempos de pandemia:** contribuições da neurociência para a educação. 2021.

GRECO, Ana Luiza Righetto et al. Impacto da pandemia da COVID-19 na qualidade de vida, saúde e renda nas famílias com e sem risco socioeconômico: estudo transversal. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 4, p. e29410414094-e29410414094, 2021.

GROFF, Apoliana Regina et al. **EDUCAÇÃO E PANDEMIA: Reflexões acerca dos discursos sobre a escola em tempos de ensino remoto**. Editora BAGAI, 2023.

GUEDES, Marilde Queiroz et al. **Políticas Públicas Educacionais: diálogos com pesquisadoras e pesquisadores**. Pimenta Cultural, 2022.

IBGE. (2021). **Acesso à Internet e Posses de Equipamentos nas Domicílios Brasileiros.** *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios*.

KUNZLER, Sidinara Ana. **Processo de ensino e de aprendizagem durante a pandemia da covid-19:** um olhar sobre o município de Chapecó-SC. 2023.

MAGALHÃES, R. C. DA S.. Pandemia de covid-19, ensino remoto e a potencialização das desigualdades educacionais*. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, v. 28, n. 4, p. 1263–1267, out. 2021.

MARTINS, Suzane Margarida et al. **Desigualdade digital na pandemia da Covid-19:** estudo de caso no Centro de Ensino Médio Ave Branca. 2023.

MATHIAS, Tainah Victória De Medeiros. **Comparação entre as percepções de adolescentes e responsáveis acerca de competências e dificuldades do comportamento infantojuvenil na pandemia.** 2022.

MONTEIRO, Daniela Trevisan et al. **Pandemia e saúde mental:** um estudo com profissionais da saúde que atuaram no combate à coViD-19. **Labirintos do Labor**, p. 159.

MOREIRA, Andréia Aparecida Silva; COUTINHO, Diógenes José Gusmão. **EDUCAÇÃO CONTINUADA DOS PROFESSORES DO ENSINO INFANTIL:** A IMPORTÂNCIA DE NOVOS SABERES PELOS DOCENTES MEDIANTE A CRISE SANITÁRIA DA COVID-19. 2024.

RIBEIRO, P., & LOPES, F. (2021). **Ensino Remoto e Desigualdades Educacionais:** Análise dos Impactos da Pandemia no Brasil. *Educação em Debate*, 32(4), 34-56.

RIBEIRO, P., & SILVA, T. (2021). Competências Socioemocionais e o Impacto da Pandemia no Processo Educacional. ***Revista Educação e Sociedade***, 42(152), 233-251.

SANTOS, C., & LIMA, F. (2022). **Avaliação Formativa e Intervenções Pedagógicas:** Estratégias para a Recuperação do Aprendizado. *Revista Brasileira de Educação Básica*, 13(2), 123-139.

SANTOS, Maria Porcina de Macedo et al. **Práticas pedagógicas de docentes da educação básica no ensino remoto:** ciberespaço e multiletramento. 2022.

UNESCO. (2021). ***Education: From Disruption to Recovery***. United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization.